



Castello de Caerphilly

A Inglaterra, assim como a Italia, possui muitas torres inclinadas; a mais notavel é a de Caerphilly na Glamorganshire. Guardadas as proporções, a sua inclinação é muito maior que a de todas as que poderia citar; tem de 23<sup>m</sup> a 26<sup>m</sup> de altura e sae 3<sup>m</sup>,63 centímetros da sua perpendicular.

A singularidade da sua posição resalta sobretudo quando se observa do lado do riacho, que banha a sua base, e mais ou menos, todas as pessoas tem experimentado uma especie de terror, ao ver aquella massa de pedras que parece proxima a desabar, e que não é sustida senão á força de cimento. Existia outr'ora no mesmo sitio um castello que foi arrasado pelos gaulazes por occasião d'uma das suas tentativas para sacudirem o jugo dos normandos; aquella de que a torre faz parte foi construido em 1221, e em nada cedia na extensão senão na residencia real de Windsor, e deve ter sido um dos mais bellos da Grã-Bretanha; as suas dependencias e fortificações occupam uma area de 1210 metros em quadrado e está n'uma planicie pouco espaçosa, limitada por collinas, a 115 kilometros de Cardiff. As ruinas do Castello apresentam um espectáculo imponente, e a sala de recepção merece ser vista. A forma elegante das janellas gothicas, os pilares e a abobada dão um certo encanto á sua architectura regular e severa.

A causa da inclinação da torre é assaz singular: Eduardo II, rei que foi tão infeliz como homem, e como principe, foi ali assediado em 1326 com os Spencer, seus favoritos, pelo exercito da rainha. A resistencia foi longa e pertinaz, e um dos meios empregados para a vencer foi de improvisar o fosso n'um immenso cadinho d'onde

os sitiados lançavam aos sitiados porções de metal derretido e fervente; estes, querendo extinguir aquelle meio de ataque, deitaram agua sobre o metal em ebulição, e isto causou tão violenta explosão que a torre, abalada nos seus alicerces, tomou a posição que tem sempre conservado e que a nossa gravura representa.

## NICOLÃO MACHIAVEL

Estudo litterario, moral e politico

Questo è il gran segretario fiorentino, Niccolò Machiavelli, un uomo dei più grandi che l'Italia, tanto ferace di sublimi ingegni, abbia mai prodotti.

PIGNOTTI.

(Continuado de pag. 272)

### XV

No artigo antecedente dissemos que outros muitos escriptores, afóra Machiavel, abonam o juizo que Sismondi proferio a respeito de Cosme de Medicis.

É Cosme de Medicis conhecido na historia pela designação de — antigo — e pelo honroso titulo de — pae da patria. — Nasceu em 1389 e falleceu no primeiro d'agosto do anno de 1464.

Em vida de seu pae (João de Medicis) occupou se Cosme muito activamente das vastas operações commerciaes da sua opulenta casa, e só depois, sem largar o fio d'essas mesmas operações, tratou de ingerir-se na direcção dos negocios publicos. Assim, quando em 1429 morreu seu pae, entrou Cosme no exercicio do cargo de Prior da republica, e se encarregou de encaminhar o partido popular.

Por effeito das machinações dos Albizzi foi forçado a deixar a Toscana em outubro de 1433,



passando a Padua, e d'alí a Veneza, onde foi muito bem acolhido. A fortuna voltou a mimoscal-o com os seus favores. Rinaldo Albizzi foi desterrado de Florença; Cosme de Medicis pôde voltar á sua patria, como que em triumpho; e d'então em diante foi a sua vida uma série não interrompida de prosperidades.

Por meio de uma politica mui habil conseguiu dar á republica de Florença um poder, qual nunca ella tivéra até esse tempo; sendo certo que fez o mais discreto uso da auctoridade e da fortuna, inteiramente no interesse da patria.

Ainda não houve, disse avisadamente Voltaire, ainda não houve uma familia, que fundasse o seu poder em titulos tão legitimos, como a familia dos Medicis.

Fallando particularmente de Cosme, diz Roscoe, o historiador de Lourenço, o Magnifico: = O seu procedimento foi sempre caracterizado por uma polidez e benevolencia sólida para com os seus concidadãos de condição superior, por uma sollicitude constante no que respeitava aos interesses e ás necessidades das classes inferiores, ás quaes proporcionava allivio com uma generosidade sem limites. D'est'arte grangeou numerosos e ardentes partidarios entre os cidadãos de todas as classes; mas encarou esta popularidade, antes como um penhor de fortalecimento, do crédito que destructava, do que como meio de estender a sua dominação em detrimento da patria.

O mesmo Roscoe define perfeitamente a natureza do poder e auctoridade que o venturoso e illustrado Cosme de Medicis exercitava; sendo que era este, não o dictador, mas sim o primeiro cidadão de Florença. «A auctoridade, diz Roscoe, que no século XV exercitaram em Florença Cosme de Medicis e os seus successores, era essencialmente particular, e consistia mais em uma influencia tácita da sua parte, e n'uma acquiescencia voluntaria da parte do povo, do que n'uma convenção precisa e explicita entre elles. Era republicana a forma do governo; sendo dirigida a administração por um conselho de dez cidadãos, e por um chefe de auctoridade executiva eleito de dois em dois mezes com a denominação de *gonfaloniere*, ou porta-estandarte: por este meio imaginavam os cidadãos estarem gosando o pleno exercicio da sua liberdade. Mas era tal o poder dos Medicis, que elles próprios occupavam sempre os primeiros cargos do Estado, ou nomeavam as pessoas que julgavam mais habilitadas para o desempenho dos mesmos cargos. É certo que n'este particular, e a justiça manda que se diga, mostravam elles sempre a maior deferencia para com a opinião pública; de sorte que a opposição de interesses, frequente de ordinario entre os governantes e os governados, era apenas sensível por então em Florença, onde as qualidades superiores e a industria eram o mais seguro meio de chegar ao poder e ao favor popular. = (1)

O episodio da sua residencia em Veneza, por occasião do desterro promovido pelos Albizzi, é realmente interessante, e sobremaneira honroso para Cosme de Medicis. Emquanto esteve na famosa cidade, tão apropriadamente denominada a — *rainha do Adriatico* — viveu Cosme de Medicis como se fosse um soberano; e comtudo fizera

elle o propósito de evitar o apparatus e affectação do luxo e da magnificencia. Ginguené, que faz esta ponderação, julga bastante referir um facto para tornar sensível a grandeza de alma do illustre desterrado. Fez Cosme edificar e ornamentar á sua custa, pelo célebre architecto Michelozzo, que o tinha acompanhado, uma bibliotheca para o mosteiro dos Benedictinos de S. Jorge, e povoal-a de livros; querendo assim deixar em Veneza um monumento da sua gratidão para com os Venezianos, que tão cordealmente lhe deram agasalho, — monumento que era ao mesmo tempo uma demonstração magnifica do seu amor pelas lettras, e da sua liberalidade incomparavel.

D'aquí vem o dizer Vasari, que os divertimentos de Cosme de Medicis, os seus recreios, na terra do exilio foram edificações e estabelecimentos curiosos, em que muito ia do interesse da religião, das lettras e das artes. E assim fica explicada a apparente contradicção que parece existir entre o propósito de manter a maior simplicidade, no theor de vida fóra de Florença, e a pratica de acções de soberano. Sim, arredava a ostentação do luxo, no que respeitava á sua casa e estado, mas despendia largamente a sua immensa fortuna em construcções grandiosas, e em proteger os litteratos e os artistas.

Acompanhémol-o a Florença, de volta do desterro. Depois que assentou o poder da republica, e restabeleceu a paz e a ordem na sua patria, rodeou-se de sábios, de philosophos, de artistas; de todos animou os trabalhos, e na instructiva companhia d'elles encontrava suaves distracções para os seus cuidados da governação, para as suas lidas commerciaes.

O descobrimento e a aquisição de manuscritos antigos, diz Ginguené, tornou-se a paixão mais forte de Cosme de Medicis. Empregou n'este emprego e diligencias a flor dos homens instruidos, que se sentiam repassados de ardor pelo renascimento das lettras; e não poupou meio algum de conseguir o interessante *desideratum*, nem de recompensar o zelo dos que trabalhavam em taes pesquisas. E não se pense que era coisa fácil e comesinha o descobrimento d'esses preciosos manuscritos da antiguidade sábia... Muitos dos seus agentes, depois de percorrerem e a Italia, a França e a Allemanha, passaram ao Oriente, e alí procederam — do mesmo modo que na Europa — ás mais miúdas, e por vezes arduas, investigações, — logrando afinal trazêrem abundantes e valiosas colheitas.

Homem extraordinario, e verdadeiramente grande! Cosme de Medicis era como que o ponto central, a causa primária e principal d'esse pasmoso movimento litterario e scientifico, communicado a espiritos esclarecidos e activos, que se consagravam dedicados ao generoso propósito de recobrar e conservar thesouros litterarios, condemnados a perecerem para sempre, se a tempo e tão energicamente se não houvesse dado impulso á cruzada civilisadora!

Ninguém, n'aquelles tempos, estava em circumstancias mais felizes, em situação mais propicia para ser util ás lettras, e em geral á causa da civilisação, do que a familia dos Medicis. Não eram sómente as suas riquezas, observa Ginguené, mas tambem a extensão das suas relações commerciaes com os differentes pontos

(1) William Roscoe — *Vida de Lourenço de Medicis*.



da Europa e da Asia, quem habilitava Cosme de Medicis a satisfazer a sua nobre paixão. Os seus sábios emissarios chegavam com recommendações, que eram ordens, a paizes que lhes eram absolutamente desconhecidos, e a regiões as mais remotas; e assim succedia, que immediatamente lhes eram franqueados todos os depósitos e archivos, todos os recursos do crédito. A lenta e progressiva decadencia, ou antes queda do Oriente, facilitou lhes a aquisição de um grande numero de obras de inestimável preço nas linguas grega, hebráica, chaldáica, arabe, syriaca e indica. Taes fóram os princípios da rica e preciosa bibliotheca legada por Cosme de Medicis aos seus descendentes, consideravelmente augmentada depois por seu neto Lourenço — o magnifico — e que ainda hoje, na erudição européa, gosa de tamanha e tão bem merecida reputação com o titulo de Mediceo-Laurencianna.

Quando em 1453 foi tomada a cidade de Constantinópola por Mahomet II, muitos sábios gregos se refugiaram na Italia. Cosme de Medicis lhes offereceu asylo em Florença, e lhes liberalizou o mais generoso gasalhado.

A este propósito não posso deixar de trazer á lembrança a engenhosa ficção, a que recorreu M. Villemain, no seu *Lascaris*. Alguns mancebos illustres, e entre elles Pedro, filho de Cosme de Medicis, viajavam na Sicilia, quando ali apporaram os fugitivos gregos de Constantinópola. Os jovens italianos receberam com a maior cordalidade os interessantes emigrados; e são sobremaneira curiosas as conversações attribuidas áquelles diversos interlocutores. *Lascaris* vaticina que a colónia grega será a interprete da antiguidade sábia, e augúra um bello resultado a este sacudimento dado ao génio moderno. O filho de Cosme de Medicis lhe responde: «Começamos já essa grande obra; por toda a parte na Italia nos occupamos de excavar ruinas, e de re haver o génio dos romanos. Cosme de Medicis, meu pae, é o amigo dos sábios e está reunindo á custa de grandes dispendios os manuscritos mais raros. Os seus navios, que vão commerciar á Persia, ao Egypto e á India, muitas vezes lhe hão trazido livros, que elle préza mais do que todos os seus thesouros. Quanto não se alegrará elle de vos acolher! Somos, no meio da Italia, como creanças abandonadas que vagueiam por entre as ruinas dos palacios de seus avós. Indicáenos o uso das riquezas que fórmos descobrindo, communicando-nos as que já possuíis.»

Mas, o que mais me captivou no *Lascaris* foi a idéa de apresentar aos gregos fugitivos algumas passagens de uma carta que a Pedro de Medicis escrevia seu pae. Vou reproduzir esses trechos, e com elles encerrarei este artigo, como sendo o melhor meio de pintar ao vivo o que era Cosme de Medicis.

Resavam assim essas passagens da carta:

«Os retornos maritimos foram n'este anno muito favoraveis, meu filho. Os nossos navios, que ultimamente viéram de Alexandria e da Bassora, trouxeram-me tecidos preciosos, perfumes, diamantes, e muitos manuscritos em grego e em arabe que eu colloquei no nosso museu; mas trouxéram tambem noticias mui tristes a respeito de Constantinópola. Mahomet ficava sitiando por todos os lados aquella cidade; e no ponto onde agora estaes, é de crer que já tenhaes sa-

bido a sua ruina; nada se fará aqui pol-a socorrer. Abandonáram-na Deus e os principes christãos... O papa, se bem que amigo das sciencias, não tem podido perdoar aos gregos a sua obstinação no seisma. Falla-se, do entanto, de nova cruzada; mas tenho por certo que não chegará a haver mais accôrdo para reconquistar Byzancio, do que o houve para a defender. Fazâmos nós ao menos o que em nossas forças couber em beneficio dos infelizes foragidos que escaparam ao desastre. Eu mando navios para os recolher em todos os mares da Grecia. Se tu, meu filho, durante a tua viagem, encontrares algum d'esses gregos illustres de Thessalonica ou de Byzancio, que são depositarios do génio da antiguidade, liberalisa-lhes todos os cuidados. São homens raros e sagrados, meu filho. Faze que venham contigo para a nossa patria, para a nossa casa; e cre que assim apreciarei ainda mais a tua presença. — Meu filho, sirvâmos as letras; aformoseemos Florença com todas as riquezas do saber; e d'est'arte mereceremos a honra de ser os primeiros entre os nossos concidadãos livres. Dizem os Albizzi que não somos senão commerciantes; embora, — mas é certo que favorecemos as letras e o génio, mais do que o téem feito os reis... Vou mandar vir da Allemanha essa maravilhosa invenção (*a da imprensa*); não deixemos aventajar-se nos Roma. & Quem sabe os designios da Providencia? Talvez que aquella arte venha a ser uma indemnisação do triumpho dos barbaros no Oriente.»

— Muito e muito mais nos fóra ainda agradavel dizer em louvor de Cosme de Medicis, para confirmação do que Machiavel diz na Historia de Florença; mas bastam esses breves traços que ahi deixamos, e que nos foram fornecidos por Ginguené, Roscoe, Pignotti, e M. Villemain.

— No artigo immediato passarêmos a fallar de outros livros de Machiavel.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

## MARTYR DE AMOR

(Continuado de pag. 328)

### VI

#### Um projecto

Como os mentirosos, que á força de repelirem os seus embustes, se chegam a convencer da veracidade d'elles, assim Claudio esposára o convencimento do falsissimo papel de heroe, que n'aquelle drama comesinho desempenhava.

O revez da sua ultima entrevista remordia-lhe ainda no animo, e o seu brio indignava-se contra a ridicula figura que n'aquelle scena fizera. Os seus arrojos de Othello haviam caído nas facecias de D. Basilio. A sua dignidade estava mortalmente ferida, desde aquelle desastrosissimo lance: e a intima consciencia pedia-lhe uma desaffronta!

O suicidio a valer, o suicidio real e verdadeiro era a unica arrojada solução de semelhante embarço... Muito embora um feliz repente lhe houvesse sugerido a salvadora idéa de viver para o desprezo... a consciencia não ficava satisfeita com aquillo, e segredava-lhe baixinho ao ouvido, que fóra aquelle um expediente de occasião para encapotar airosamente uma tristissima covardia. O bom senso dizia-lhe que o homem, que annuncia n'um programma pomposo o seu suicidio, contráe moralmente a obrigação de se matar.



Mas é tão feia a morte aos dezeseis annos! é tão triste a idéa de encerrar nos gelos do tumulo um coração, que pulsa cheio de vida e do calor da juventude, é tão negra a incompreensivel contemplação do mundo desconhecido, que se abre nos umbraes da campa a quem tem largos horisontes no caminho da vida; que o espirito naturalmente timido e sensivel de Claudio soçobrou diante de magnitude d'esse sacrificio, feito não a um sentimento verdadeiro que gerasse a convicção profunda da propria aniquilação, mas a um capricho futil e quasi pueril.

Mas o latego do ridiculo com que a sociedade o iria verberar, desde que da bocca indiscreta de Lucia se divulgasse o memoravel successo do mirante? Poderia elle fugir ao estygma de um escarneo indelevel que a sociedade lhe estamparia na frente? saberia tolerar a sua nobreza dos dezeseis annos aquelle labeu de covarde que elle a seus proprios olhos exagerava ainda com mais negras côres?

A situação de Claudio era unica e desesperada. Só um espirito forte poderia sair d'ella airosoamente, calcando com pé ousado a satyra com que a sociedade viesse morder-lhe a reputação.

O joven aspirante de marinha não era para tanto.

A força de pensar todo o dia concebeu um plano... salvador.

Era de tarde; o moço cabisbaixo e pensativo dirigiu-se para casa do seu amigo Christovam, que encontrou indolentemente recostado junto da sua companheira de perigrinação, fumando deleitosamente o seu cigarro do postpasto.

—Preciso fallar-te particularmente, Christovam, disse o mancebo, depois dos preliminares cumprimentos que a delicadeza prescreve.

—Eu deixo-os em liberdade, disse amavelmente a dama, que acompanhava Christovam.

—Estou ás tuas ordens, Claudio, acrescentou aquelle, mal ficaram sós.

—És meu amigo? perguntou arrebatadamente o mancebo.

—Que pergunta?

—Conheço a tua amizade e por isso te procuro n'este solemne momento.

—Dispõe de mim.

—Sou muito infeliz, Christovam.

—Lucta e vence como eu tenho feito.

—Não posso, meu amigo! ha desgraças que aniquilam.

—Então que queres que eu te faça?

—Emprestas-me polvora e bala para carregar as minhas pistolas?

—Empresto, volveu, com desesperadora serenidade glacial, Christovam, a quem um imperceptivel sorriso d'ironia franziu muito ao de leve os labios.

—Carrega-m'as tu antes.

—Carrego.

—As tuas talvez que sejam melhores.

—Talvez.

—E estão carregadas?

—Estão.

—Então traze-as.

—Prompto.

—E acompanha-me.

—Ás tuas ordens.

Este dialogo, cujo realce estava no colorido que lhe dava a entonação differentissima de cada um

dos interlocutores, foi apenas interrompido a curtos espaços, no tempo de que o dono de casa careceu para ir á secretária buscar as pedidas armas; e depois para tomar do quarto de vestir o seu chapéu. Sairam. Claudio fallára sempre em tom de voz demasiadamente elevado, de modo que, mau grado a nenhuma curiosidade da companheira do seu amigo, ficou esta conhedora do assumpto, e vendo Christovam tirar da gaveta as pistolas tremeu por ambos.

Devera tranquilisala o tom de voz sereno e impassivel de Christovam, cuja prudencia e bom senso ella, melhor do que ninguem, sabia avaliar, mas a mulher sensivel e dedicada, em taes momentos, esquece os dictames do raciocinio entre os sobresaltos do coração. Tratou pois acceleradamente de concertar os seus adornos e saiu ligeira para não perder de vista os dois aventureiros.

Dirigiam-se elles, silenciosos, um ao lado do outro, para as bandas de *Bocca do inferno*, e a dama, como que adivinhando-lhes a intenção tomou lhes por caminho diverso a dianteira e foi esconder-se entre as penedias d'aquelle sitio, para assistir, como espectadora muito interessada, á scena que promettia desempenhar-se alli.

O sol ia a baixar rapidamente para o seu humido leito. As nuvens amontoavam-se no horizonte, e o vento do sudoeste, pouco propria d'aquella estação, açoutava violentamente as ondas de encontro aos descarnados rochedos, onde vinham desfazer em alvejantes flocos de espuma os seus impotentes furores.

A dama,—em despeito da chuva, que já se presentia proxima na atmospheria e do vento frio, que lhe fustigava as faces, arrojando muitas vezes surriadas de agua que do embate das ondas contra a rocha se elevavam aos ares, humedecendo-lhe os seus vestidos,—acoutou-se o melhor que pôde entre dois dos enegrecidos penedos, alli semeados ao acaso pela mão de invisiveis gigantes, e esperou.

(Continúa)

C. B.

#### TESTAMENTO DE CARLOS II, REI DE HESPAÑHA EM FAVOR DE UM NETO DE LUIZ XIV

Este testamento foi para os francezes um pomo de discordia e cavou a ruina da monarchia do avô com a do neto. Os motivos que determinaram Carlos II a legar a corôa á Casa de França, em prejuizo da Casa d'Austria, são bem conhecidos. Limitamo-nos sómente a referir aqui uma anecdota mencionada por S. Simão. O duque de Abrantes, que acabava de assistir á abertura do celebre testamento, quiz ter o gosto de annunciar a escolha do successor. Assim que appareceu foi rodeado por todos. Blécourt, embaixador de Luiz XIV, dirigio-se para o duque; este porém, depois de o olhar fixamente, voltou a cabeça. Esta acção surprehendeu Blécourt, e pareceu-lhe de máo agouro para a França. De repente, o duque, que fingira não ter visto o conde d'Harcourt, embaixador do imperio, correu para elle, abraçou-o pelo pescoço e disse-lhe em hespanhol: «Senhor, é com o maior prazer,—e depois de uma pausa, acompanhada de outro abraço—sim, senhor, é com a maior alegria e extremo contentamento que eu me separo de vós, e tomo a permissão da muito augusta Casa d'Austria.» A exaltação de Philippe V ao throno não podia ser publicada de um modo mais faceto.



Em Paris já poucas casas particulares existem cuja origem remonte aos tempos da architectura da idade media. O interesse, esse grande motor das acções humanas, fel-as desaparecer pouco a pouco, e cada anno, o artista, o historiador, e o philosopho tem a deplorar alguma nova perda. Comtudo, é forçoso dizer que a cultura das artes parece ter-se rehabilitado nos nossos dias, augmentando de dia para dia o numero dos seus proselitos; e o vandalismo dos especuladores, por tanto tempo cego, surprehende-se com o aspecto d'esses venerandos fragmentos dos tempos passados. É de suppor pois, que os preciosos modelos da architectura gothica, que subsistem ainda, sejam respeitadas.

Entre os monumentos, pouco numerosos, cita-se uma casa conhecida por muito tempo pelo nome de *maison des Carneaux*. Uma tradição antiquissima conta, não se sabe com que fundamento, que foi habitada em 1280, por Philippe-o-Bello. Mr. Du-laure dá-lhe uma data mais moderna, e crê que foi construida posteriormente ao reinado de Carlos V, que subiu ao throno em 1361. «Este principe, diz elle, inspirou por seu exemplo o gosto de novas construcções, e depois d'elle levantaram-se alguns palacios e muitas casas, estabelecendo-se n'essa

época uma emulação util entre os architectos chamados *mestres d'obras*, que procuravam rivalisar com as suas innovações. A architectura era então enfeitada com ornamentos graciosos e muitas vezes de bom gosto, e no reinado de Carlos VII começaram a substituir ás abobadas em ogivas, abobadas muito baixas. No numero dos edificios d'este periodo, que ainda existem, e que offerecem este novo genero de architectura, está incluido o palacio de la Trémouille.

Seja como fôr, e visto que não se acha algum outro documento certo, tomemos a tradição tal como está, sem contestar nem defender a sua authenticidade duvidosa.

Palacio de la Trémouille



Diz-se que Philippe, duque de Touraine, e depois duque d'Orleans, irmão do rei João, comprou este palacio em 1363, por dois mil francos, e que mais tarde o vendeu ao famoso Guy de la Trémouille. N'esta época o palacio estendia-se ao longo da rua de Bethisy até á rua Tirechappe, e tornou-se a casa senhoreal do feudo de la Trémouille. Parece que este Guy de la Trémouille é o mesmo que em 1383 foi chamado em combate singular pelo sire de Courtenay.

Em 1396, Guy de la Trémouille, e Guilherme, seu irmão, reuniram se para a eleição dos cavalleiros de França, que, sob as ordens de João Nevers, filho do duque de Borgonha, iam á Hungria soccorrer Sigismundo, ameaçado por Bajazet I, imperador dos turcos. Sabe-se quaes foram os desastres d'esta primeira cruzada, onde pereceram os gentis homens mais distinctos pelo nascimento e pelo valor. O exercito francez foi derrotado proximo das muralhas de Nipolicos, e os que escaparam á carnificina foram feitos escravos: d'este numero foi Guy de Trémouille, que morreu na ilha de Rhodes, em 1397. Depois da sua morte, o palacio de la Trémouille foi ainda algum tempo possessão da sua familia: messire João de la Trémouille, senhor de Jouvelle, residio ali em 1421. Depois foi vendido e per-

tenceu successivamente a diversas pessoas, entre as quaes se menciona Antonio Dubourg, chanceler de França, de 1535 a 1538, e Pomponne de Bellièvre, que, depois de ter sido nomeado embaixador para muitas côrtes, foi nomeado, em 1651, primeiro presidente do parlamento de Paris, substituindo Mr. Molé, e foi n'esta época que se denominou *palacio de Bellièvre*, denominação que se conservou até 1738, anno em que se tornou propriedade de dois fabricantes de sedas.

Os aposentos que dão para a rua Bourdonnais não offerecem de notavel senão a abobada baixa que conduz ao pateo. Ali os quartos são decorados de esculpturas muito elegantes, e d'uma de-



licadeza extrema. Nota-se particularmente, n'um dos angulos d'este pateo, uma torrinha, cuja architectura é d'um trabalho riquissimo e d'um excellente acabamentoo em todas as suas partes, e d'um bello desenho, executado com rara correção.

Estas construcções parecem remontar ao fim do seculo XIV, ou ao principio do seculo XV, época em que, como já dissemos, a imaginação fecunda dos artistas abria novo caminho, creando essas fórmulas graciosas, e esses ornamentos ora ricos e magestosos, ora simples e elegantes, que são a admiração de todos os homens de gosto e que servem ainda hoje de modelos ao architecto e ao esculptor.

## AS SATYRAS DE NICOLAU TOLENTINO

### I

A critica investigadora e indiscreta dos nossos contemporaneos tem alterado profundamente as physionomias dos homens do passado, que a tradição nos apresentára d'um modo, que se tinham composto elles mesmos de certa maneira para figurarem diante da posteridade, e que nós estamos vendo agora a uma luz muito differente d'aquella a que elles desejavam ser vistos. Em vez de se deixar estar socegada na platéa, a posteridade, maliciosa, penetra na caixa, insinua-se nos camarins, e não descança enquanto não arranca a mascara theatral ao heróe, que se pavoneia na scena, para lhe ver por baixo o verdadeiro rosto.

Nicolau Tolentino era um dos homens, que se tomavam como pretexto para as mais pomposas declamações, lançando-se em rosto á patria o desamparo em que deixou, durante a vida, os grandes genios que a illustraram. Os constantes queixumes do eminente poeta davam motivo a que todos julgassem ver n'elle uma victima da ingratição nacional, e da mingua de Mecenas n'este desgraçado paiz. Ora rindo, ora chorando, Nicolau Tolentino não cessa de se lamentar; hoje é o lazarento corcel a que elle não póde, por falta de dinheiro, erigir immediatamente um tumulo modesto, onde grave o saudoso epitaphio; amanhã é o Perú, iguaria mythologica para a familia, que não sáe de casa senão regado de pranto pelos famintos commensaes do poeta, que vêem mais uma vez fugir-lhe essa ave, que é para elles antes uma phenix do que um Perú; no outro dia é o classico e russo *colete das funcções*, que volta á baila, concertado e rebocado pelas industriosas manas. Em todos os horisontes avulta a malfadada palmatoria, que parece servir mais para castigo do mestre do que para castigo dos discipulos; a imagem dos crédores persegue-o entre as torturas da sege inquisitorial; a dos alumnos vem-n'ó perturbar entre as delicias d'um sonho doirado. Até agora, pelo menos, a pobreza apparece envolta em riso, é uma pobreza desenfasiada, que de si mesma zomba; mas não tarda que ella se vista tambem de funebres trajos. As irmãs lá surgem, não já para arremendarem o colete, e para inundarem de lagrimas o ephemero Perú, que chegou, viram-n'ó e fugio; mas como orphãs desamparadas, que um pae, banhado em pranto,

confia no leito da morte ao filho indigente; revelam-se as tristezas da casa, onde falta o pão, e depois do riso com que pretende tornar mais aceitavel o memorial do supplicante, as lagrimas turvam a voz do poeta, e a lyra, depois de desferir alegres sons, termina sollando gemidos.

Parece não haver, por conseguinte, pobreza mais authentica do que esta que não cessa de apregoar até as misérias mais profundas, que os menos orgulhosos calam; e, comtudo, está provado e provadissimo que Nicolau Tolentino, depois de possuir a cadeira de rhetorica, tão amaldiçoada por elle, recebendo por isso um estipendio regular, foi official maior d'uma secretaria, com ordenado grande, e amplos emolumentos!

Ora, se a qualidade de poeta satyrico parece coadunar-se mal com a de pretendente servil, ainda menos se liga, de certo, com a de corteção farto e cheio, vivendo á lei da nobreza, e desfructando tranquillamente as delicias reservadas para os felizes da terra.

O fel da satyra parece que deve resumir apenas de espiritos azedados pelas injustiças da sociedade, e revoltados contra a fortuna que os despresa, protegendo exactamente aquelles que são menos dignos dos seus favores.

Os tres satyricos romanos offercem-nos o modelo de todas as circumstancias que podem levar um poeta a empunhar o azorrague em vez da lyra, a trocar pelo delirio da colera a doce inspiração das musas placidas, e a desencadeiar sobre os ridiculos e os vicios da sociedade a torrente dos versos silvadores como as serpentes das Eumenides.

Juvenal, o acerbo, cujos labios são uma esponja de fel, delicia-se com a satyra, e, verberando os vicios, deleita-se com a pintura d'elles; o seu vulto não se desprende da sociedade que flagella. Quem lê a satyra 6.<sup>a</sup> tão prodiga em repugnantes pormenores, suppõe que é um cumplice d'essas torpesas, que, n'um momento de lucidez, se enoja de si e dos outros, e deixa transbordar o tedio nos versos frementes que a indignação inspirou. Mas ali a independencia do caracter revela-se; conviva saciado, levanta-se da mesa da orgia, fulmina os omnipotentes devassos pasmados do arrojo, e vae depois nas legiões da Hespanha, centurião encanecido, expiar a franquesa destemida, e talvez fazer penitencia dos seus proprios erros. É o satyrico misantropo.

Marcial, o parasita, recebe resignado os insultos, aproveita os sobejos, come e folga, e depois d'um dia todo de servilismo, volta para casa, e vingase n'um epigramma açacalado das abjecções a que se sujeitou. É o satyrista cynico.

Persio, o homem de bem, austero, inflexivel, levemente pedante, isolado do mundo corrompido pelo recato da familia virtuosa, em que o céo o fez nascer, e que é uma excepção sublime n'essa monstruosa Roma, flagella o mal, como o prégador o póde flagellar do alto do pulpito. O seu verso severo, ás vezes obscuro, desdenhoso, aponta o vicio, fulmina-o com um epitheto em brasa, e aproveita o ensejo para dar uma lição de virtude. É o satyrico parentico.

Falta Horacio, o amigo de Mecenas, o homem



tranquillo que saboreia a vida, contemplando a espuma das cascatas de Tibur, adulando os protectores, e cultivando as musas. E, contudo, Horacio tambem entrou no campo da satyra. Mas é elle realmente satyrico? As suas satyras são conversações amenas, onde os ridiculos que observa servem de pretexto para um dito picante, para uma apostrophe graciosa, para dois versos arredondados. É tão differente o cantor de Lydia dos tres grandes satyricos do tempo dos Cesares, como o palreiro murmurinho do regato, da voz ora tempestuosa, ora grave, ora zombeteira da torrente que desaba da montanha.

Pelas circumstancias da sua vida, pelas tendencias do seu espirito, parece que Nicolau Tolentino podia comparar-se com Horacio, e, contudo, as suas satyras vão mais ao fundo das coisas; o latego assenta onde deve assentar, e os verberados doem-se. Qual era a faculdade que afiava o guême ás satyras do cortezão risonho, todo affabilidades e humildades, pedinte sempre, e sempre servil?

A faculdade da observação.

(Continua)

M. PINHEIRO CHAGAS.

## O PRINCIPE EUGENIO DE BEAUHARNAIS

e as memorias que lhe são relativas.

... ab auditione mala non timebit.

Ps. CXI 7.

### XI

Seguiu-se á batalha de Marengo um armistício. O principe Eugénio voltou a Paris por Genebra, onde as authoridades déram aos Francezes um grande banquetê, de que a célebre M.<sup>me</sup> de Staël fez as honras, e no qual foram recitadas algumas poesias da mesma senhora, consagradas á glória do exército francez e do seu chefe, — encontrando cada um dos convidados debaixo do seu talhêr uma corôa de louro com versos da talentôsa filha de Necker.

Por esta occasião refêre Eugénio um acontecimento da sua vida, que lhe recorda as mais prazenteiras impressões. Deixêmol-o fallar:

— «Estavamos encarregados de conduzir e escollar as bandeiras tomadas na batalha de Marengo. Disposémos a marcha por tal modo, que chegámos a Paris ás dez horas da manhã; fômos direitos ás Tuilherias, e d'ali passámos com o primeiro consul ao Hotel dos Inválidos, para lá depôrmos as bandeiras. Fômos depois ao Campo de Marte, onde se celebrava a grande festa. As tropas dos depósitos da Guarda offereciam, pelo seu aceio e bello porte, um contraste notavel com as que vinham da Italia, magras, cançadas, e cobertas de pó; mas este contraste redobrou ainda o enthusiasmo e a veneração que a presença dos nossos bravos soldados inspirava aos Francezes. Fizémos o giro do Campo de Marte, em presença da multidão extraordinaria que occupava as escarpas, e nos acolhia por toda a parte com um trovão de applausos e acclamações. Foi este um dos mais bellos momentos da minha vida! Aquelles testemunhos da estima e reconhecimento públicos pareciam-me a mais formôsa e dôce recompensa das nossas fadigas, e me inspiravam um nobre orgulho e uma viva commoção. O exército havia, em menos de dois mezes, completado grandes trabalhos, e salvado a pátria!»

É muito natural, e infinitamente nobre, a recordação viva e saudôsa de tão prazenteiros instantes! É mil vezes louvavel o desfôgo de sentimentos de uma satisfação, que respira um bem entendido orgulho, e revêla o aprêço que um homem verdadeiramente nobre faz da generôsa e sincera recompensa do povo!

N'aquelle inverno dedicou-se Eugénio com o maior fervôr aos estudos e aprendizagem de tudo o que respeitava á sua profissão, como quem pretendia tornar-se merecedor do commando que lhe estava promettido. Tinha sempre um talhêr na meza do primeiro consul; mas usava discretamente d'este favor, comquanto fôsse todos os dias a receber as ordens d'aquelle, e abraçar sua mãe.

Um dia, em que Eugénio, tendo jantado em casa de Bessières, foi com este visitar o primeiro consul, que n'aquella noute fazia tenção de ir ao theatro, disse-lhes elle, rindo-se, e com um perfeito socêgo: *¿ Não sabeis? Quêrem assassinar-me esta noite na Opera!* Os dois interlocutores horrorisaram-se, e estranharam que o primeiro consul estivesse ainda no propósito de ir ao theatro: *Tranquillisae-vos*, acudio elle, *a policia já deu todas as providencias; em todo o caso, voltando-se para Bessières, fazei por vossa parte o que julgardes necessario para a minha segurança.*

Bessières ordenou a Eugénio que fôsse postar-se com um piquete de cavalleria em logar conveniente; e n'esta conformidade passou Eugénio á *Opera*, mandou apear metade dos soldados, deu instrucções aos que ficaram a cavallo, e entrou com os outros no edificio na occasião em que o primeiro consul chegava. Eugénio ia adiante do primeiro consul uns cincoenta passos; de repente manda fazer alto aos seus soldados, e abrir aos lados: O primeiro consul passou por entre elles e entrou no seu camarote, a tempo que os conjurados, entre os quaes Aréna (da Córsega), e Cerachi (Romano), (1) eram prêsos na sala, encontrando-se-lhes punhães e pistôlas.

Não se demôra Eugénio muito nos annos de 1801 a 1804, por isso que no decurso d'elles nada succedeu, de extraordinario, que pessoalmente lhe dissêsse respeito.

Em 1802 foi despachado coronel; e por esse tempo trabalhava elle muito, cuidando em aperfeiçoar-se na sciencia militar, por meio dos livros, da conversação com officiaes consummados e da prática das miudezas do serviço. Fez muitas viagens com o primeiro consul, que muito contribuíram para a sua instrucção; e nas diversas revistas de tropas que o primeiro consul passou, era sempre Eugénio encarregado de commandar as manobras, e sempre se desempenhou d'este encargo muito a contento do grande general. A mais importante d'essas revistas foi a que o primeiro consul passou em Mayence, na presença de muitos principes allemães, e de um grande número de generaes prussianos e austriacos: sendo então Eugénio encarregado do commando de um corpo consideravel de cavalleria, que manobrou ás mil maravilhas. N'essa época foi despachado general de brigada.

— Foi no periodo dos mencionados annos de

(1) Este Cerachi é aquelle em que Eugénio tinha dado pranchadas, na noute da sublevação republicana em Roma. Todos os conjurados foram convencidos de criminalidade, e pagaram com a vida os seus nefandos intentos.



1801 a 1804 que succedêram tres notaveis acontecimentos, a respeito dos quaes é muito curioso o juizo crítico de Eugénio: queremos fallar da conspiração de Georges Cadoudal e Pichegru, da condemnação do Duque d'Enghien, e da subida do Primeiro Consul ao throno Imperial. — Neste artigo occupar-nos-hemos apenas do que diz o author das Memorias, no que respeita aos dois primeiros acontecimentos.

Eugénio não podia acreditar que o general Moreau tivesse tomado parte na conspiração; parecia-lhe impossivel que um general francez, coberto de tamanha glória, se abaixasse a ter relações com assassinos vis; e n'este sentido, quebrava lanças pela honra do illustre accusado, e em toda a parte sustentava a causa d'elle. Por toda a parte, porém, encontrava quem rebatêsse o seu modo de sentir, e até quem o attribuisse á inexperiencia de rapaz.

«Exasperado, diz elle, das contradicções que encontrava, fui assistir a uma audiencia, para me convencer por mim próprio da innocencia do general Moreau; demorei-me apenas um quarto de hora, e um tão curto espaço de tempo foi bastante para dissipar a minha illusão. Em vez da virtuosa indignação, da firmeza e seguridade varonís, e da coragem que esperava encontrar em Morau, — pareceu-me timido, enleiado e confuso; espantei-me de vêr que havia consentido em assentar-se no mesmo banco em que estava sentado Georges de Cadoudal, e do cuidado que punha—nas suas respostas — em poupar este ultimo. Era mui diversa a idéia que eu formára da defeza da innocencia! Sahi do tribunal intimamente convencido de que Moreau era culpado!»

¿ Não reparaes na delicada nobreza que distingue este juizo? Vê-se que o homem que assim julga nutre os sentimentos mais elevados, e quer vêr os seus iguaes sempre na altura moral da verdadeira honra! Se o accusado, para quem está a olhar, dá mostras de descêr da dignidade e do brio da sua posição e do seu nome... o juizo está formado, — existe o crime; por que a innocencia ergue a cabeça com altivez, e não admite o mais leve contacto com a impureza. Não chameis um juiz d'estes a deslindar argúcias de processos; mas chamae-o para jurado... e tende por certo que o seu *verdictum* hade ser a expressão da verdade!

Eugénio recorda-se prazenteiro de que sua mãe tivéra a fortuna, pela sua intercessão perante o Primeiro Consul, de salvar a vida de muitos condemnados, e entre elles a de MM. de Rivière e de Polignac.

No que respeita ao Duque d'Enghien, refere Eugénio que indo a Malmaison no dia immediato ao do fatal acontecimento, ahi soubéra ao mesmo tempo da prisão, julgamento e execução d'aquelle principe.

«Minha mãe, diz elle, estava debulhada em lagrimas, e censurava acremente o Primeiro Consul, que a estava escutando silencioso. Dizia-lhe que era aquella uma acção atroz, da qual jamais poderia lavar-se, — que tinha cedido aos pérfidos conselhos dos seus próprios inimigos, aos quaes era muito agradável manchar a sua história com uma página tão horrivel.

«O Primeiro Consul retirou-se para a sua camera, e poucos instantes depois chegou Caulincourt,

de volta de Strasburgo, e admirando-se de vêr minha mãe tão sentida e chorosa, disse-lhe ella o motivo do seu desgosto, — e in continenti Caulincourt, no maior auge da desesperação, disse, voz em grita: *Ah! por que fatalidade tive eu tambem ingerencia n'essa funesta expedição?*

«Vinte annos decorreram já depois d'aquelle acontecimento; mas lembro-me ainda muito bem de que muitas pessoas, que hoje pretendem d'ahi lavar as mãos, se gabavam então de haver concorrido para um tal acto, e o approvavam altamente. No que a mim toca, devo dizer que me affligi profundamente, em consequencia do respeito e affeição que dedicava ao Primeiro Consul, parecendo-me que a sua glória ficava embaçada.

«Dias depois, disse me minha mãe que tinha tido a felicidade de fazer chegar ás mãos d'uma senhora, a quem o principe (*Duque d'Enghien*) amava, alguns objectos pertencentes a este.»

Não poderia esperar-se, da nobreza de alma de Eugénio de Beanharnais, um juizo diverso ácerca d'aquelle crime politico, atroz e inqualificavel...

— No artigo immediato mencionaremos o terceiro acontecimento, a que acima alludimos.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

#### Modo de tirar ao vinho o gosto de bolor

Ponha-se em brasa um bocado d'aço e metta-se no vinho pela bocca do tonel, ou pipa, e em 24 horas restituirá o vinho ao seu antigo estado.

#### Outro

Tome-se nesperas, que tenham amadurecido em palha, cortem-se em quatro quartos cada uma, e suspendam-se no tonel, de modo que fiquem cobertas de vinho. Deixem-se estar por espaço de um mez e o vinho ficará bom.

## VICTORIAS DOS PORTUGUEZES

EM DEFEZA

### DA SUA INDEPENDENCIA

ESCRITO ANTI-IBERICO

Por

**D. MIGUEL SOTTO-MAIOR**

Este volume, in-8.º, contém a descripção das seguintes batalhas: — Aljubarrota — Valverde — Montijo — Linhas d'Elvas — Ameixial — Montes Claros — e Bussaco.

Vende-se na loja da edictora, Viuva Moré, no Porto. Preço 360 réis.

O antigo editor do **Panorama**, desejando proporcionar aos actuaes srs. assignantes, e mesmo a quaesquer outras pessoas que o não sejam, a maneira de poderem possuir, sem grande sacrificio a collecção completa deste interessante jornal, que conta hoje **15 volumes** publicados, deliberou, para esse fim, abrir nova assignatura, não alterando o preço que teve a antiga, sendo o custo de cada volume broxado 1300 réis, e encadernado 1600 réis, isto unicamente para aquelles que se inscreverem como assignantes. As pessoas que assignarem para esta obra receberão um ou mais volumes cada mez, conforme melhor lhes convier, sendo o importe dos mesmos pago no acto da entrega. E as que tenham a collecção do **Panorama** incompleta, podem da mesma forma assignar para os volumes que lhes faltarem, bem como para qualquer numero que lhes faltar.